

Percurso de análise de obras audiovisuais: agenciamentos materiais e semiológicos¹²

Francisco Beltrame TRENTO³

Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica (PEPGCOS) da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) / Doutorado.

Resumo

O presente ensaio busca descrever uma metodologia de análise de um produto audiovisual a partir da percepção dos agenciamentos semiológicos, discursivos e materiais nele representados, tomando aqui como objeto o seriado *Black Mirror*. Baseando-se na proposta ecológica de abordagem e análise de Ivakhiv (2013), este texto busca estabelecer um diálogo e um modo de pensar a comunicação como produção de afetos a partir da relação que se dá entre pesquisador e produto fílmico, televisivo ou *games*, etc. Pretende-se que essa relação possibilite a emergência de críticas a determinados modos de existência, dispositivos biopolíticos, de controle e captura das subjetividades. Para tanto, descreveremos o percurso que parte da análise ecológica de objetos audiovisuais (IVAKHIV, 2013) e que, em um segundo momento, no desenvolvimento da tese, poderá se alinhar com a *Teoria Ator-Rede*, de Bruno Latour; bem como outros arcabouços teóricos.

Palavras-chave: Ecologia midiática, Teoria dos agenciamentos, dispositivo, Teoria Ator-Rede, audiovisual

*Enclausurada por altas montanhas escarpadas
Mar aberto e livre, não visível, somente o fiorde sinuoso.
Eu o chamo de mar, mas não é o mar. O mar é aberto e livre. Todo dia eu me banho nessa água salobra e estagnada do
fiorde. E a chamo de mar.
Fim de verão. Inverno escuro chegando.
Um dia claro de verão com a grande escuridão em seguida.
Esposa morta. Esposa nova. Vida nova. Vida morta.
Inverno escuro chegando. Criaturas rastejando, procurando abrigo.
Algo vasto e profundo me cobrirá completamente. Algo em que eu possa nadar. Nadar para longe, longe daqui.
Mãe na água. Mãe em mim.
Ellida em “A Dama do Mar”(Henrik Johan IBSEN, versão adaptada de Susan SONTAG)*

I - Introdução

A ubiquidade midiática e computacional presente em grande parte dos ambientes das sociedades ocidentais contemporâneas fazem emergir determinadas formas de vida e processos de sociabilidade nesses cenários. Podemos citar o aumento da circulação de fluxos semiológicos incessantes que partem de mídias distribuídas nos mais distintos dispositivos (celulares, *tablets*, objetos senscientes e conectados às redes, etc.).

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Uma versão deste artigo foi apresentada como trabalho final da disciplina “Teorias Críticas da Comunicação”, ministrada pelo Prof. Dr. José Luiz Aidar Prado, no PEPGCOS/PUCSP, no primeiro semestre de 2014.

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) na Linha de Pesquisa Cultura e Ambientes Midiáticos. Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Imagem e Som (PPGIS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com projeto desenvolvido com bolsa FAPESP. Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp/Bauru). Email: francisco.trento@gmail.com .

Representações e críticas utópicas ou distópicas a respeito desse cenário não são novidades no campo audiovisual. Vários estudos acadêmicos já discutem essa temática via múltiplos prismas conceituais, sejam as produções sobre o pós-Humanismo, a ubiquidade midiática ou as convocações biopolíticas (PRADO, 2013) em consonância aos fluxos enunciativos e da gestão dos afetos pela publicidade. Também discute-se a reemergência na mídia de discursos homogeneizantes e estriados, que promovem e reiteram bifurcações a ser superadas (sujeito/objeto; interno/externo, humano/não-humano).

A pesquisa em desenvolvimento busca traçar o estatuto ontológico de alguns dos modos de existência que emergem com a ubiquidade midiática; bem como possibilidades de subversão de seus mecanismos de controle através do tracejamento de diagramas que explicitem relações de força e agenciamentos materiais e semiológicos realizados em determinado espaço-tempo. Deve-se levar em conta a influência dos objetos midiáticos na produção das subjetividades contemporâneas. Sua máxima presença é a internet das coisas. A discussão desse objeto conceitual partirá de uma construção narrativa que deriva da história representada em um objeto audiovisual, o seriado britânico *Black Mirror* (Channel Four, Reino Unido, 2011-)⁴. Ele tem como temática formas de vida emergentes na sociedade em rede. O tema que circunda todos os programas é a relação entre indivíduos e tecnologias midiáticas, e como essas estão cada vez mais interconectadas. Os episódios são independentes e unitários, mas todos destacam a onipresença das mídias massivas e pós-massivas que excitam nossos sentidos e nos afetam via suas múltiplas telas. No seriado, os conflitos são causados pelas consequências dessa onipresença, ora diegeticamente situada no presente, ora em futuros distópicos; segundo a iconografia da série, não distantes.

A proposta é estabelecer um diálogo entre a análise do seriado – não somente em sua dimensão estética e de sua estrutura narrativa, mas também seu conteúdo, a percepção do pesquisador, a facticidade dos acontecimentos e as referências teóricas com as quais busca-se estabelecer um diálogo. Primeiramente, deve-se considerar que alguns setores do campo da Comunicação no Brasil ainda apresentam ressalvas a projetos mais ensaísticos⁵.

⁴ O primeiro episódio “se passa em nosso presente, na “era do *Twitter*” e olha para uma sociedade moderna, onde a jovem princesa Susannah é sequestrada. O sequestrador apresenta ao primeiro-ministro um pedido de resgate incomum – que ele faça sexo com um porco e o ato seja transmitido em cadeia nacional. O pedido é feito por meio de um clipe do *YouTube*. Durante o curso do filme, temos de seguir o governo em suas tentativas de impedir que o pedido de resgate obsceno se espalhe para o público, os jornalistas da TV-estação UKN tentam lutar e não divulgar a público o vídeo. Entretanto, o público se mantém colado aos seus “espelhos negros”, especulando em torno da uma pergunta que é tomada ao longo do *twittofera* em velocidade recorde; O primeiro-ministro vai fazer sexo com um porco, a fim de salvar a vida da princesa?” (SÖDEBERG, 2013, p.15; Tradução nossa com adaptações)

⁵ Não só o ensaio, mas o próprio desenvolvimento de um texto híbrido entre ensaio, ficção científica e discussão acadêmica pode ser visto como uma possibilidade que extrapole e critique o antropocentrismo dos modos de existência contemporâneos, ao, por exemplo, narrar uma história a partir de um ponto de vista não-humano. A respeito disso, Felinto

De modo a buscar uma abordagem em que, no momento de análise, não trate os conceitos como “peças” a ser “encaixadas” no desenvolvimento de um texto, mas sim, como personagens conceituais⁶ que surgem no desenvolvimento do ato de contar uma história, nos deparamos com, dentre outras abordagens, o modelo metodológico da *Process-Relational Media Analysis*, de Adrian Ivakhiv (2013). Busca-se a apropriação desse método como guia que permita a descrição de alguns pontos-chave na pesquisa (a representação no seriado dos agenciamentos materiais e semiológicos na comunicação, seus dispositivos, os processos de normatização relacionados a um duplo-regime de visibilidades e da linguagem (enunciação); em um contexto biopolítico que produz determinadas subjetividades. Busca-se alertar que a existência desse guia, bem como o posterior diálogo com a *Teoria Ator-Rede* de Bruno Latour (2012) e as outras correntes teóricas com as quais a pesquisa se relacionará um diálogo não são amarras. Elas podem ou não aparecer no desenvolvimento processual do projeto, dependendo do processo dialógico estabelecido entre pesquisador, obra a ser analisada, contexto, etc. (Vale lembrar que uma tese de doutorado como objeto participa de múltiplos agenciamentos coletivos).

II – Um percurso metodológico

Seguindo a apresentação do percurso metodológico a ser utilizado na análise dos seis episódios do seriado *Black Mirror*, primeiramente atentaremos a sua dimensão temática. Em um segundo momento será possível traçar diagramas dos agenciamentos biopolíticos e comunicacionais a partir da *Teoria Ator-Rede* e da *Assemblage Theory* (DeLANDA, 2006), bem como a discussão com outros referenciais teóricos pertinentes ao estudo da ontologia orientada aos objetos, levando em conta a ubiquidade midiática como

(2014, p. 13) nos lembra de toda a produção de Vilém Flusser e da obra *War in the Age Of Intelligent Machines*, de Manuel de Landa (1991): “Flusser imagina e descreve detalhadamente o estranho octópode que dá nome à obra. *Vampyrotheuthis*, animal que vive nas fossas abissais e assim se encontra nas antípodas do humano, é usado como ferramenta alegórico-epistemológica para produzir uma reflexão filosófica sobre temas como a situação existencial do homem, a memória, a arte e nossos aparatos tecnológicos. Curiosamente, apenas quatro anos após a publicação de *Vampyrotheuthis Infernalis*, o filósofo deleuziano Manuel De Landa irá também produzir uma espécie de ficção teórica em linhas surpreendentemente próximas da proposta de Flusser. Em seu *War in the Age of Intelligent Machines* (1991), De Landa conta a história das tecnologias de guerra (fortemente interligadas, como demonstrou Friedrich Kittler, às tecnologias midiáticas) a partir do ponto de vista de um robô inteligente (...) Tanto Flusser como De Landa, empreendem, dessa forma, exercícios epistemológico-imaginativos centrados na desconstrução do olhar antropocêntrico, criando a ficção de uma distância que talvez possibilite observar os fenômenos (a história, as tecnologias, o mundo) a partir de uma perspectiva diferente, inovadora e imaginativa. Nessa nova forma de “ficção científica”, o robô de guerra de De Landa e a lula-vampiro de Flusser constituem modos de colocar nosso conhecimento do mundo entre parêntesis (como na *epoché* fenomenológica), dissolvendo o familiar e permitindo a emergência de aspectos “inusitados” dos objetos analisados.” (FELINTO, 2014, p. 13).

⁶ “Na enunciação filosófica, não se faz algo dizendo-o, mas faz-se o movimento pensando-o, por intermédio de um personagem conceitual. Assim, os personagens conceituais são verdadeiros agentes da enunciação. Quem é Eu? é sempre uma terceira pessoa.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 87)

produtora e produzida por distintos modos de existência. A descrição e a análise dos episódios do seriado *Black Mirror* seguirá a análise ecológica e das materialidades da mídia e de produtos audiovisuais proposta por Ivakhiv (2013). O autor, defende em seu livro *Ecologies of The Moving Image*, no capítulo *Doing Process-Relational Media Analysis* um roteiro de trabalho que siga o filme (ou qualquer produto audiovisual) em três ciclos de vida, três ecologias: material, social e perceptiva (IVAKHIV, 2013, *Kindle Loc.* 7378). A análise passa por três fases: a primeiridade, ou seja, o confrontamento sensorial direto com a “imagem, som e espetáculo” (IVAKHIV, 2013, *Kindle Loc.* 7384); a secundidade, que nessa perspectiva é a compreensão da estrutura narrativa do seriado, e também a terceiridade, que é a *exorreferencialidade* (*ibid.*), ou seja, as relações do objeto com outros produtos ou situações comunicacionais.

Na primeira frase da descrição, da primeiridade, do encontro e da percepção que se dá entre o pesquisador e o seriado, devem ser descritas algumas observações. Deve-se atentar para o mundo *geomórfico* do seriado, ou seja, a descrição de “como o filme apresenta a objetividade do mundo e das coisas” (IVAKHIV, 2013, *Kindle Loc.* 7386), e também “como é a natureza não-humana mostrada” no produto audiovisual, de modo a possibilitar com que o observador possa “compará-la à natureza que conhece” (*ibid.*, *Kindle Loc.* 7392). O método descritivo, ao mesmo tempo, deve focar nos relacionamentos e nos acontecimentos comunicacionais, ou seja, explicitar “como é mostrado o relacionamento entre pessoas e entidades não-humanas, e como este é diferenciado entre distintos grupos sociais” (IVAKHIV, 2013, *Kindle Loc.* 7392); o que, para o projeto proposto, diz respeito aos dispositivos comunicacionais que produzem convocações biopolíticas (PRADO, 2013) de distintas maneiras congruentes às relações de poder assimétricas. A descrição do objeto audiovisual segue respondendo “como o filme descrever os modos de estar vivo (*aliveness*), bem como as interações sensoriais – ver, sentir, ouvir, etc., entre os diferentes tipos de coisas” (IVAKHIV, 2013, *Kindle Loc.* 7392-7397). Busca-se abordar “como são mostradas as diferenças entre as formas de vida no filme” (*ibid.* *Kindle Loc.* 7397), a agência animal, não-humana e selvagem, bem como “quais tipos de tensões surgem das fronteiras entre humanos e as outras formas de agência? Como essas tensões são mediadas com o passar da narrativa?” (*ibid.* *Kindle Loc.* 7397). Essa abordagem descritiva se relaciona com a *Teoria Ator-Rede* de Latour (2012), bem como à *Ontologia Orientada aos Objetos*, precisando como formas de vida como são mostradas nos produtos audiovisuais. Permite que desenvolva-se um diálogo entre pesquisador, obra e teoria que explicita as materialidades

da comunicação, a não separabilidade entre sujeitos e objetos/dispositivos midiáticos, os agenciamentos e trocas entre os corpos e a mídia. Este método busca mostrar a dimensão do Antropomorfismo e da máquina antropológica na obra, partindo da observação, percepção e relato dos atores humanos ou que parecem humanos do seriado (*ibid.*, *Kindle Loc.* 7403). Busca-se mostrar na obra como se deu a “agência humana e como sua subjetividade é expressa” (*ibid.*), as diferenças culturais entre grupos, as relações de poder e os agenciamentos políticos, atentando para a percepção de quais grupos sociais são mostrados como ativos ou passivos e com a potência de pregar uma mudança social (IVAKHIV, 2013, *Kindle Loc.* 7408). Ivakhiv (2013) ressalta a análise da representação de gênero, classe, etnicidade, sexualidade, e em especial “o que é representado como natural ou não-natural” (*ibid.*, *Kindle Loc.* 7415), ou seja, padrões de normatividade.

Ivakhiv (2013) traz como a *secundidade* de seu método a compreensão dos signos e das estruturas narrativas do objeto audiovisual, no caso de *Black Mirror*, um seriado que não possui episódios independentes; estes são ligados apenas por uma contiguidade temática das relações homem/mídia/tecnologia/objetos. É preciso, portanto, também ater-se à estrutura discursiva, mostrando como se dá a construção dos dualismos básicos (bem/mal) do programa, atentando para uma discussão que explicita uma pluralidade ontológica, dos modos de perceber, conceber e avaliar esses conceitos a partir de determinadas posições, grupos sociais ou indivíduos inscritos em distintos modos de existência.

A última fase da descrição é aquela que mostra a dimensão exorreferencial da trama, as referências sócio-históricas, códigos ou discursos intertextuais (não deixando o trabalho preso a um único objeto empírico, mas enredado ao ecossistema audiovisual ao qual pertence, observando e comparando “as referências sócio-históricas em relação a outras obras audiovisuais (IVAKHIV, 2013, *Kindle Loc.* 7433). Considera-se também a relação entre o mundo do filme e o mundo “real”, ou seja, em que contexto sócio-político se deu a “materialidade da distribuição do filme” (*ibid.*, *Kindle Loc.* 7444). Esse processo, apesar de descritivo, permite com que seja feita a listagem dos entes em relação no seriado, permeados por uma ubiquidade midiática, e permitirá outras camadas de análise via outros pontos de vista, como a *Teoria Ator-Rede* e a *Assemblage Theory* (DeLANDA, 2006). Nesse processos buscamos a possibilidade de uma liberdade ensaística na construção narrativa da tese, que emerge da relação entre seriado, mundo, percepção do pesquisador e o referencial teórico que poderá dialogar com a discussão desenvolvida na tese.

Em outras palavras, essa metodologia parte de um objeto empírico (o seriado *Black Mirror*) e sua análise, para discutir de distintos pontos de um objeto conceitual (a construção e a emergência de distintas formas de vida, modos de existência e subjetividades em meio às mídias ubíquas). Esse objeto conceitual é transpassado por distintos questionamentos, como a não-separabilidade do sujeito/objeto/mídia, bem como da relação mídia/agenciamentos biopolíticos. Com a descrição do objeto em mão, explicitando as representações das relações entre sujeitos, mídias e suas materialidades, há a abertura para outras frentes de análise, como a partir da *Teoria Ator-Rede* (LATOUR, 2012) e sua específica abordagem dos modos de sociabilidade.

O antropólogo Bruno Latour propõe um percurso metodológico em que a “tarefa de definir e organizar o social deveria ser deixada para os atores eles mesmos, não pelo analista” (LATOUR, 2012), “traçando as conexões e as controvérsias ao invés de tentar decidir como resolver essas controvérsias” (*ibid.*, p.23). É preciso deixar que o objeto fale por si próprio, observando nas redes a presença dos objetos que atuam como *intermediários*, ou seja, aqueles “cujo papel é justamente o de criar uma ligação entre [natureza e sociedade]” (*ibid.*, p. 79), que, entretanto, “nada fazem além de transportar, veicular, deslocar a potência dos dois únicos seres reais, natureza e sociedade”. Em contrapartida, *mediadores* são objetos que nas redes “transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que eles supostamente carregam” (LATOUR, 2012). Para a análise, não devemos

presumir que os atores possuam uma linguagem enquanto os analistas dispõem de uma *metalinguagem* na qual a primeira está “inserida”. Conforme já dissemos, concede-se aos analistas unicamente uma *infralinguagem* cujo papel consiste apenas em ajudá-los a ficar atentos à metalinguagem plenamente desenvolvida dos atores, um relato racional daquilo que estão falando. (LATOUR, 2012, p. 79)

Dessa forma, os objetos e os seres vivos não-humanos, para Latour, são dotados de agência, actantes em uma rede, produzem diferença e, no caso analisado em específico, fazem parte de um jogo de poder e de saber sob os quais o sujeito é constituído discursiva e esteticamente. Entretanto, a

(...) ANT [*Actor-Network Theory*] não é (...) a criação de uma absurda “simetria entre humanos e não humanos”. Obter simetria, para nós, significa não impor *a priori* uma *assimetria* espúria entre ação humana intencional e mundo material de relações causais. Existem divisões que

não podemos ultrapassar, superar, reduzir dialeticamente. Elas precisam, isto sim, ser ignoradas e abandonadas a seus próprios recursos, como um castelo outrora formidável e hoje em ruínas. (LATOURE, 2012, p. 114)

Na análise de nossa narrativa audiovisual, pode-se levar em conta os objetos que atuam como dispositivos (AGAMBEN, 2009) de subjetivação da sociedade em rede representada no seriado *Black Mirror*. A partir da visão interrelacional dos actantes, do panorama que emerge dessa cartografia, pode-se relacionar e discutir os dispositivos que atuam como *atores-rede* com poder de agenciamento da subjetividade contemporânea, dentre outros tantos elementos que a produzem. Um ator-rede é rastreado quando,

no curso de um estudo, se toma a decisão de substituir atores de qualquer tamanho por sítios e locais e conectá-los, em vez de inseri-los no micro e no macro. As duas partes são essenciais, daí o hífen. A primeira parte (o ator) revela o minguado espaço em que todos os grandiosos ingredientes do mundo começam a ser incubados; a segunda (a rede) explica por quais veículos, traços, trilhas e tipos de informação o mundo é colocado dentro de suas estreitas paredes. (LATOURE, 2012, p. 260)

Deste modo, o tracejar dos agentes e actantes facilitará a visualização das relações de poder e dos coletivos que produzem afetos no ambiente demonstrado do seriado, que representa uma sociedade marcada pelos estímulos da ubiquidade midiática.

A análise à luz da *Teoria Ator-Rede* de Bruno Latour será feita em conjunção com a consideração teórica da Ontologia Plana de Manuel de Landa (2006). A organização dos diagramas de relações entre dispositivos midiáticos – objetos reais, que transmitem e afetam os sujeitos através da esfera do campo sensível – e os outros entes, considerará a noção de irredutibilidade dos sistemas relacionais defendida por DeLanda, que “concebe o mundo como feito de inúmeras *assemblages* [montagens] irredutíveis às suas mínimas partes e nunca dissolvidas como estruturas totalitárias orgânicas” (HARMAN, 2008, p. 367). Essa abordagem não essencialista, permite a observação da agência dos meios (através de seus fluxos semióticos e discursos/enunciados que trazem convocações biopolíticas), e leva em conta a construção histórica-social desses dispositivos midiáticos, já que “o mundo é recheado de entidades de inúmeros tamanhos que só podem ser compreendidas através do processo genético pelas quais surgiram e foram engendradas, não pela sua essência” (HARMAN, 2008, p. 370). Deste modo, no processo de análise, consideraremos os dispositivos midiáticos a partir de uma estrutura ontológica que considera o objeto como dotado de sua propriedade material e também expressiva (de afetamento). Deve-se discutir de que maneira essa estrutura faz parte de uma rede de agenciamentos de territorialização e

desterritorialização, de busca de estabilização e homeostase ou heterogeneidade; seja ela discursiva, no que tange a normatização de saberes e de regimes de verdade a serem seguidos para viver. Nas palavras de DeLanda (2006, p. 12), “uma dimensão do eixo define as regras variáveis que os componentes podem jogar, sejam expressivos ou materiais”, enquanto a outra “define processos variáveis em que esses componentes se envolvem para estabelecer a identidade de uma *assemblage* [montagem] aumentando seu grau de homogeneidade interior e reforçando suas fronteiras, ou desterritorializando-a” (DeLANDA, 2006, p. 12).

Sendo uma tese um processo, atentaremos para a pertinência da inclusão de novas abordagens teórico-metodológicas que possam auxiliar na construção do texto; como por exemplo a *Ontologia Orientada a Objeto (OOO)* (HARMAN, 2013) do *Realismo Especulativo* e da *Onto-Cartografia* de Bryant (2014), bem como abordagens sobre biopolítica.

III – Agenciamentos Biopolíticos

Não entrando em uma descrição mais explícita da narrativa do seriado *Black Mirror*, objeto em questão, nota-se em todos episódios a representação da produção de um desejo de controle nos personagens; desejo relacionado à ilusão de domínio dos indivíduos sobre os outros, seja via dispositivos sinópticos (todos se vigiam, registram e julgam os atos que não se encaixam nas normatividades vigentes). Há também, entretanto, um retorno a um subjetivismo, interpretação de que o homem possui, através das ferramentas midiáticas e técnicas, o poder de se especializar e domar a natureza, outros entes e objetos. Este desejo, criticado a esmo no seriado dado o pessimismo e a impossibilidade das linhas de fuga traçadas na narrativa não serem recapturadas por movimentos estratificantes, rescentraliza o indivíduo como centro do universo, ilusão esta que deve ser combatida através de debates na área da Comunicação ou a partir de objetos comunicacionais. Nessas análises é preciso que seja explicitado que o humano é fruto de agenciamentos, ainda que seja também um ator/agente nessa rede de relações materiais e sensíveis.

O desejo de controle mostrado no seriado analisado incita discursos de bifurcação não agem apenas como forças sociológicas, mas na produção e distribuição de uma doutrina na ordem do sensível/semiótico/discursivo. Estabelecem divisões entre humano/não-humano, sujeito/objeto, natureza/cultura. Tentativas como essas não são novas e

relacionadas apenas a embates sobre a influência de algumas tecnologias e da sociedade de controle na contemporaneidade. Atuam na distinção entre aquilo que é digno de ser humano ou não, dos dispositivos que buscam o antropocentrismo, que pregam a superioridade ontológica dos homens sobre os animais e “coisas”, e da partição hierarquizada entre os próprios humanos através de estratégias biopolíticas que emergiram juntamente com novos modos de governamentalidade do neoliberalismo (Cf. FOUCAULT, 2008), já salientados por Michel Foucault em 1977, no primeiro volume de *História da Sexualidade*:

A velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida. Desenvolvimento rápido, no decorrer da época clássica, das disciplinas diversas — escolas, colégios, casernas, ateliês; aparecimento, também, no terreno das práticas políticas e observações econômicas, dos problemas de natalidade, longevidade, saúde pública, habitação e migração; explosão, portanto, de técnicas diversas e numerosas para obterem a sujeição dos corpos e o controle das populações. Abre-se, assim, a era de um "bio-poder". (FOUCAULT, 1977, p. 131)

Esse conjunto de práticas discursivas, materiais e arquitetônicas de organização da vida têm como exemplo extremo os indivíduos que nos campos de concentração entravam em um estágio em que não respondiam a estímulos como comida e água, mas em um regime de fluxo de vida “à espera da morte”. Em *O que Resta de Auschwitz*, o filósofo Giorgio Agamben traz como máxima do controle biopolítico a representação desses campos da Alemanha Nazista, dedicando-se, a partir da obra de Primo Levi a respeito, a tratar da impossibilidade do testemunho daqueles que viviam em um regime que extrapolava tanto o controle sobre a vida quanto a morte humana. Nos campos, aqueles denominados *Musselmann* (cf. Agamben, 2008) não eram considerados humanos, vivos ou mortos, não conseguiam produzir força para permanecer vivos ou tampouco morrer. As estratégias biopolíticas (de controle sobre a vida) e tanatopolítica (de controle sobre a morte) se uniram na máquina nazista dos campos de concentração (AGAMBEN, 2008).

Nessas linhas, são várias as correntes filosóficas que pregam o surgimento da figura do homem como constructo. Para Foucault (2007), o humano é um produto discursivo dependente de condições de produção históricas descontínuas. Pode-se tomar como exemplo um ideal de homem do fim do Século XX e início do Século XXI que, em uma rede de dispositivos, deve gerir a sua própria vida como empresa; adequado aos dispositivos do neoliberalismo. A construção do homem como conceito, passa, para o filósofo francês, primeiramente pela apropriação dos indivíduos como objetos a serem investigados pelas disciplinas (biologia, medicina, psiquiatria) nos últimos três séculos. Posteriormente isso

acontece pelo atravessamento direto dos dispositivos de poder disciplinar (prisão, escola, hospital e todas as suas regras) na construção da subjetividade desses sujeitos e indivíduos cerceados. Um dispositivo, por sua vez é

(...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244)

Agamben (2009, p. 40) tem outro conceito de dispositivo, ainda que dialogue com a obra de Michel Foucault e dialogue muito com a filosofia heideggeriana. Para o filósofo italiano, os dispositivos não se resumem às instituições facilmente traçáveis e enumeráveis e seus conjuntos de regras, enunciados e práticas salientados por Foucault; mas também objetos, que atuam em redes que subjetivam e dessubjetivam os indivíduos. Agamben propõe uma ontologia em que há seres vivos e dispositivos – o produto da relação entre um dispositivo e um ser vivo é um sujeito. Entretanto, se para Foucault, o homem como um conceito é produto dessas disciplinas e dos dispositivos que buscam dualizar razão/desrazão; normal/anormal, hétero/homossexual, esse homem também está próximo de seu fim. Bruno Latour (1994), por sua vez, atenta para a construção da ideia de um “sujeito moderno” como aquele que pensa que se contrapõe às sociedades ditas “primitivas”. Nesse contexto, é válida qualquer análise que observe a mídia como dispositivo que age diretamente na construção das subjetividades, ainda que ela mesma concorra com outros múltiplos elementos semiológicos e materiais.

III – Conclusão

Analisar um objeto audiovisual possibilita a emergência de discussões políticas. Ao falar do seriado *Black Mirror*, vimos a construção de um traço comum a seus personagens, que busca uma dualização ontológica entre humanos e “o resto”, uma separação abismal que reforça um essencialismo de uma suposta natureza humana dominadora e conquistadora de todas as forças materiais e espirituais. Pensar e pelo menos admitir uma pluralidade ontológica, dos distintos modos de existir, da não normatividade do sujeito homem/macho/europeu não é impossível. Entretanto, para combater a disseminação dos preconceitos deve-se atentar para um sistema duplo que envolve as materialidades e as

discursividades, a construção das redes pelas quais se divulgam os enunciados. Em uma época e contexto nos quais a mídia é ubíqua (está nos *smartphones*, *tablets*, em dispositivos ligados ao corpo, como o *Google Glass*) há a emergência de uma série de questionamentos sobre controle e privacidade, mas também a possibilidade de uma divulgação mais ramificada de enunciados. Entretanto, não há espaço para deslumbres: as novas mídias não substituem as anteriores (enunciados assustadores sobre os “rolêzinhos” rondam o jornal das sete da noite na televisão e são replicados e apoiados nas mídias sociais). Elas tampouco farão emergir a partir de geração espontânea de discursos progressistas. Para traçar e combater os discursos de bifurcação e tentativas de hierarquização de subjetividades é preciso atentar para a materialidade das comunicações e as redes de poder (relações entre interesses políticos daqueles que controlam as mídias de massa ou não, das estruturas físicas e dos discursos). Busca-se, em qualquer análise, uma estratégia de cartografia que trace as relações de poder, os objetos e a transmissão semiológica dos enunciados que pregam a superioridade de alguns modos de ser: antropocêntricos, heteronormativos, de superioridade de classe, etc. Do mesmo modo, devem ser traçados os agentes e enunciados que atuem como linhas de fuga no combate às bifurcações que fizeram emergir a figura do humano, mais específico, de um tipo de humano que parece ser o único a ser cancelado e autorizado a existir.

As materialidades como regime em que corpos estão se agenciando e afetando; da qual temos apenas algumas impressões a partir dos traços de seus acontecimentos, não estão em completo isolamento com o campo do dizível. A performatividade da linguagem atua em conjunto com o campo do visível; e ambos procuram intervir no campo das relações de força, e de fato atuam nas modificações dos corpos dos indivíduos – seja através da própria modificação corporal ou de modos de comportar, gestualizar e agir. Como ressalta Aídar Prado (1996, p. 31) ao retomar a teoria dos *speech acts* de John Searle, “o ato performativo é justamente aquele em que falar é realizar uma ação. Toda comunicação linguística envolve atos linguísticos”, ou seja, o próprio falar de determinados verbos, por exemplo, já constitui uma ação – quando digo que prometo algo, o ato de prometer já se constitui como uma ação nele mesmo. Trazendo a questão da performatividade para os enunciados disparados pelos mais distintos dispositivos midiáticos, podemos destacar, atualmente, dado o caráter biopolítico das formas de vida da sociedade ocidental medicalizada, os enunciados que partem das múltiplas mídias, principalmente do campo da publicidade biomédica ou da moda, atuam nos modos como esses indivíduos passam a poder viver. Um exemplo entre tal

relação performativa entre o campo enunciativo da mídia e as materialidades dos corpos, e a dupla influência/agência entre ambos foi dado por Manuel DeLanda (2006):

Existem, entretanto, casos importantes nos quais as classificações e os modelos específicos usados pelos cientistas sociais afetam as entidades que estão sendo estudadas. Classificações médicas ou políticas; o uso de categorias como “refugiada do sexo feminino” ou “criança hiperativa”, por exemplo, podem interagir com as pessoas que estão sendo classificadas se elas se tornam cientes do fato de que estão sendo classificadas. No primeiro caso, uma mulher fugindo das terríveis condições de seu país pode se tornar ciente do critério de classificação utilizado para definir “refugiada do sexo feminino” pelo país para o qual quer emigrar; e mudar seu comportamento para se encaixar nesse critério. **Nesse caso, seria difícil de se manter um compromisso ontológico ao referente do termo “refugiado do sexo feminino”, já que o uso ele mesmo do termo cria seus próprios referentes.** Por outro lado, aceitar que os referentes de termos gerais sejam alvos em movimento não enfraquece o realismo social: de maneira a explicar o caso da refugiada, uma pessoa teria que evocar – além de seu conhecimento do sentido do termo “refugiada do sexo feminino”, a existência objetiva de todo um conjunto de organizações (cortes, agências de imigração, aeroportos, portos, centros de detenção), normas institucionais e objetos (leis, decisões de tribunais, passaportes) e práticas institucionais (confinamento, monitoramento, interrogações), formando o contexto no qual as interações entre categorias e seus referentes acontecem. Em outras palavras, o problema que uma ontologia social e realista levanta aqui não se dá porque os sentidos dos termos gerais [categóricos] moldam a percepção que cientistas sociais têm de seus referentes, criando um círculo vicioso, mas apenas em alguns casos especiais e no contexto de instituições e práticas que não são redutíveis aos sentidos. (DeLANDA, 2006, p. 01-02) (Tradução nossa; grifo nosso)⁷

No exemplo acima, o modo de viver de um indivíduo foi profundamente afetado por um ato de performatividade da linguagem. Partindo de outro prisma, podemos dizer que corpos são construídos por determinadas máquinas corporais ou incorporais. Bryant (2014), vale-se, em sua *machine-oriented-ontology* (MOO) (do termo máquina, em detrimento do

⁷ There are, however, important cases in which the very models and classifications social scientists use affect the behavior of the entities being studied. Political or medical classifications using categories like 'female refugee' or 'hyperactive child', for example, may interact with the people being classified if they become aware of the fact that they are being so classified. In the first case, a woman fleeing terrible conditions in her home country may become aware of the criteria to classify 'female refugees' used by the country to which she wants to emigrate, and change her behavior to fit that criteria. In this case, an ontological commitment to the referent of the term 'female refugee' would be hard to maintain, since the very use of the term may be creating its own referents. On the other hand, accepting that the referents of some general terms may in fact be moving targets does not undermine social realism: to explain the case of the female refugee one has to invoke, in addition to her awareness of the meaning of the term 'female refugee', the objective existence of a whole set of institutional organizations (courts, immigration agencies, airports and seaports, detention centres), institutional norms and objects (laws, binding court decisions, passports) and institutional practices (confining, monitoring, interrogating), forming the context in which the interactions between categories and their referents take place. In other words, the problem for a realist social ontology arises here not because the meanings of all general terms shape the very perception that social scientists have of their referents, creating a vicious circle, but only in some special cases and in the context of institutions and practices that are not reducible to meanings. (DeLANDA, 2006, p. 01-02)

termo “objeto” por questões conceituais, mas também por estar carregado da tendência a relacionarmos um objeto a um sujeito ao qual se relaciona). Em uma ontologia anárquica, falar de *máquinas* permite com que especulemos sobre quais fluxos atuam como *input*, em uma rede de relações corporais ou incorporais entre múltiplas máquinas. Bryant (2014), mostra como os agenciamentos corporais (relações físicas, biológicas e termodinâmicas do domínio dos corpos) atuam em paralelo aos agenciamentos incorporais (enunciados, normas, leis, etc.) Nesse último campo, localizamos os enunciados das mídias. O conceito de dispositivo, paralelamente, ainda que em outro prisma conceitual e referencial, remete a um conjunto de enunciabilidades e visibilidades que agenciam os corpos através de técnicas biopolíticas. Como o exemplo acima, em que a comunicação, a linguagem em sua performatividade, atua no regime dos indivíduos, Bryant mostra a dupla existência dos agenciamentos das máquinas corporais e incorporais, das quais os indivíduos são nodos sujeito a normatizações, apontando também a existência de pontos de resistência:

As máquinas incorporais não carregam simplesmente operações que formam pessoas e relações sociais entre pessoas de maneiras particulares, assim reproduzindo diferenciação social; eles também têm uma função regulatória. As pessoas nunca são perfeitamente ou rigidamente formadas por máquinas incorporais que lutam para formar seus corpos, mentes, afetos e relações umas com as outras. Isso é verdadeiro até nas composições sociais mais rígidas e estriadas como os totalitarismos. Sempre existem pequenos atos de resistência, desobediência e inovação. As máquinas incorporais são máquinas que tanto lutam para formar corpos de modos que eles mesmos possam apagar esses desvios; e máquinas que respondem a instâncias desses desvios de modo a assegurar que a composição social continue funcionando de acordo com sua organização e diferenciação. (BRYANT, 2014, p. 99; Tradução nossa)⁸

Dado um contexto em que múltiplos dispositivos biopolíticos agenciam as subjetividades contemporâneas e seus também múltiplos modos de existência, trabalhos ensaísticos que relatem a pluralidade dos agenciamentos produtores dos nossos desejos e dos modos de agir de nossos corpos são válidos. O roteiro dado por Ivakhiv (2013), bem como as possibilidades de traçamento de diagramas a partir da *Teoria Ator-Rede* e da *Assemblage Theory*, dentre outros, permite a construção de um texto, a partir da análise de

⁸ The incorporeal machines do not simply carry out operations that form people and social relations between people in particular ways, thereby reproducing social differentiation; they also have a regulatory function. Persons are never perfectly or rigidly formed by the incorporeal machines that strive to form their bodies, minds, affects, and relations to one another. This is true even in the most rigid and striated social assemblages such as totalitarianisms. There are always little acts of resistance, disobedience, deviance, and novelty. The incorporeal machines are both machines that strive to form bodies in ways that would erase these deviations, and machines that respond to instances of these deviations so as to ensure that the social assemblage continues to function according to its organization and differentiation. (BRYANT, 2014, p. 99)

um objeto audiovisual, que explicita os agenciamentos midiáticos dos quais fazemos parte e alguns rarefeitos traços desses modos de existência que dali emergem e podem ser colocados em contrapontos com referenciais teóricos que descrevam outros modos de existência. Não se trata de uma posição apocalíptica em relação às tecnologias e mídias, mas uma visão dialógica entre os modos em que corpos se encontram com o mundo (ou como o mundo me percebe) e aquilo que pode ser compreendido dos outros. Como ressalta Ivakhiv (2013), entretanto, esta análise nunca estará descolada da primeira percepção do pesquisador à obra analisada; e provavelmente nem deveria estar. Isso porque, além de transmissão de informações de uma fonte a um receptor, adotamos a visão de que comunicação é formada a partir do disparar de afetos via objetos corporais ou incorporais.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz. O arquivo e a testemunha**. São Paulo: Boitempo, 2008.

BRYANT, L.R. **The Democracy of Objects**, Open Humanities Press 2011.

BRYANT, L. R. **Onto-Cartography: An Ontology of Machines and Media**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

DeLANDA, M. **A New Philosophy of Society: Assemblage Theory and Social Complexity**. New York: Continuum Books, 2006.

DELEUZE, G. “O que é o dispositivo?”. In: DELEUZE, G. **O Mistério de Ariana**. Lisboa: Passagens, 1996.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

ESPOSITO, R. **Bios: Biopolítica e Filosofia**. Lisboa: Edições 70, 2010.

FELINTO, E. “Zona Cinzenta: Imaginação e Epistemologia Fabulatória em Vilém Flusser”. In: **Anais do XXIII Encontro Anual da Compós**. Belém: Compós, 2014.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**: Curso dado no Collège de France. Martins Fontes: São Paulo, 2008.

HARMAN, G. "DeLanda's ontology: assemblage and realism." **Continental Philosophy Review** 41.3 (2008): 367-383.

HARMAN, G. **Bells and Whistles: More Speculative Realism**. Washington: Zero Books, 2013.

IVAKHIV, A. J. **Ecologies of the Moving Image: Cinema, Affect, Nature**. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2013. [Versão em *Epub*. convertido para *Kindle*; marcações de citação da versão *Kindle*. As citações na versão *Epub* original são das localizações 999.0 a 1052.0].

IVAKHIV, A. J. **On Matters of Concern: Ontological Politics, Ecology, and the Anthro(s)cene**. UC Davis Environments and Societies: Davis, EUA, 2014. Disponível em <<http://environmentsandsocieties.ucdavis.edu/files/2014/04/On-Matters-of-Concern.pdf>> Acesso: 22/04/2014.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro, Editora 34. 1994.

LATOUR, B. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.

LATOUR, B. **An Inquiry into Modes of Existence**. Londres: Harvard University Press, 2013.

PRADO, J.L.A. **Brecha na Comunicação: Habermas, o Outro, Lacan**. São Paulo: Hacker, 1996.

PRADO, J.L.A. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: EDUC (Editora da PUC/SP), 2013.

SANTAELLA, L, *et al.* "Desvelando a Internet das Coisas." **Revista GEMInIS** 1.2 Ano 4 (2013): 19-32. Disponível em <www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/141>. Acesso: 30/01/2014.

SÖDERBERG, B. "The dark reflection: A look at how the media is depicted in the short film **Black Mirror-The National Anthem** and how this could affect society." Linnaeus University: 2013. Disponível em <<http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:650853/FULLTEXT01.pdf>>. Acesso: 12/04/2014.

SONTAG, Susan. **A dama do mar**. Versão de IBSEN, H. **A Dama do Mar (s/d)**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.